

**A SABEDORIA DIVINA NO SEXTO DIA DA CRIAÇÃO: A
INTERPRETAÇÃO DA ESCRITURA POR SANTO AMBRÓSIO
(C. 339-397), EM EXAMERÃO**

Carla Nascimento Coutinho*

RESUMO

Em Examerão, Santo Ambrósio de Milão interpreta as Escrituras Sagradas de forma literal-alegórico-simbólica, buscando extrair ensinamentos espirituais e morais que transcendem a literalidade do texto. No sexto dia da criação, Ambrósio se concentra na criação dos seres vivos, explorando a relação harmoniosa e interdependente entre animais e humanos. Através de uma observação atenta às características e comportamentos dos animais, ele revela lições profundas sobre a beleza da alma, a providência divina e a complexidade de todas as criaturas. Ambrósio de Milão enfatiza a importância de reconhecer a sabedoria de Deus manifesta em todos os seres, incentivando um profundo cuidado e respeito pelos seres vivos. Suas reflexões oferecem perspectivas significativas para os desafios atuais, como a necessidade de promover a sustentabilidade, a convivência harmônica e o bem-estar de todas as criaturas. Ambrósio convida os leitores e receptores da mensagem a uma jornada de crescimento espiritual, encorajando-os a cultivar virtudes como a humildade, a compaixão e a gratidão, a partir das lições encontradas na natureza. Com esta abordagem (literal, porém alegórico-simbólica), da qual tira ilação espiritual, Santo Ambrósio de Milão demonstra a profundidade e a relevância atemporal das Escrituras Sagradas. Ele revela como a obra divina pode ser uma fonte perene de sabedoria e inspiração para a humanidade, convidando-nos a uma reflexão mais profunda sobre nossa relação com o Criador e com toda a criação.

PALAVRAS-CHAVES: Santo Ambrósio de Milão, Examerão, sexto dia da criação, interpretação alegórica, interpretação literal, sabedoria divina, hermenêutica bíblica

ABSTRACT

In Hexaemeron, Saint Ambrose of Milan interprets the Holy Scriptures in a literal-allegorical-symbolic way, seeking to extract spiritual and moral teachings that transcend the literalness of the text. On the sixth day of creation, Ambrose focuses on the creation of living beings, exploring the harmonious and interdependent relationship between animals and humans. Through careful observation of the characteristics and behaviors of animals, he reveals profound lessons about the beauty of the soul, divine providence, and the complexity of all creatures. Ambrose of Milan emphasizes the importance of recognizing the wisdom of God manifested in all beings, encouraging a deep care and respect for living beings. His reflections offer significant perspectives on current challenges,

* Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (FAESA), Especialização em Teologia Paulina (FUV), Especialização em Ciências Sociais com Ênfase em Ensino Religioso (FUV), Graduada em Teologia (FUV). Bolsista FAPES.

such as the need to promote sustainability, harmonious coexistence, and the well-being of all creatures. Ambrose invites readers and recipients of the message to embark on a journey of spiritual growth, encouraging them to cultivate virtues such as humility, compassion, and gratitude, based on the lessons found in nature. With this approach (literal yet allegorical-symbolic), from which he draws spiritual inferences, Saint Ambrose of Milan demonstrates the depth and timeless relevance of the Holy Scriptures. He reveals how divine work can be a perennial source of wisdom and inspiration for humanity, inviting us to reflect more deeply on our relationship with the Creator and with all creation.

KEYWORDS: Saint Ambrose of Milan, Hexaemeron, sixth day of creation, allegorical interpretation, literal interpretation, divine wisdom, biblical hermeneutics

INTRODUÇÃO

A exegese bíblica patrística é um campo de muitas possibilidades para a compreensão do desenvolvimento do pensamento teológico cristão nos primeiros séculos da Igreja. Neste contexto, Santo Ambrósio de Milão (c. 340-397) emerge como uma figura proeminente, cuja obra exegetica exerceu profunda influência na tradição interpretativa da Igreja Latina. O presente artigo propõe-se a examinar a interpretação de Ambrósio sobre o sexto dia da criação, conforme apresentada em sua obra, o Examerão.

Este estudo visa explorar as influências filosóficas e teológicas que moldaram o pensamento de Ambrósio, com particular ênfase no neoplatonismo, - na Escola de Alexandria -, nos ensinamentos de Plotino, Fílon, Orígenes e Basílio Magno. Através de uma análise do texto ambrosiano, buscaremos desvelar os métodos interpretativos empregados pelo bispo de Milão, incluindo o uso de alegorias e simbolismos, bem como sua integração de elementos da tradição filosófica grega com a teologia cristã.

O foco central de nossa investigação recairá sobre a exegese ambrosiana do sexto dia da criação, momento crucial na narrativa do Gênesis, que aborda a criação dos animais terrestres e do ser humano. Este artigo pretende avaliar o impacto duradouro da exegese ambrosiana na tradição cristã ocidental, situando sua contribuição no contexto mais amplo da história da interpretação bíblica. Ao fazê-lo, esperamos não apenas iluminar aspectos cruciais do pensamento de Ambrósio, mas também oferecer insights relevantes para o diálogo contemporâneo entre exegese bíblica, teologia e filosofia.

A metodologia da nossa análise se fundamentará em uma leitura do texto original do Examerão, utilizando a tradução portuguesa disponível na coleção Patrística da editora Paulus, complementada por estudos críticos contemporâneos sobre a obra de Ambrósio e o contexto patrístico mais amplo. Através deste estudo, aspiramos contribuir para uma compreensão mais profunda da hermenêutica bíblica patrística e de seu legado duradouro na tradição cristã.

1. AMBRÓSIO DE MILÃO

Os Padres da Igreja foram santos teólogos da antiguidade que deixaram um legado doutrinário fundamental para o pensamento cristão. Embora nem todos os

santos antigos tenham produzido um patrimônio doutrinal, os Padres da Igreja se destacaram por sua contribuição na explicitação da fé e na reflexão exegética e especulativa; são aqueles que, nos primeiros sete séculos, forjaram e defenderam a fé, liturgia, disciplina, costumes e dogmas cristãos, decidindo os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussão, inspiração e referência obrigatória para a tradição posterior. De acordo com C. Folch Gomes:

[...] os Padres visaram elaborar uma cosmovisão cristã. Detectar uma "sabedoria", de objeto universal, é aliás o fruto de toda reflexão feita sobre a fé - cujo conteúdo é a palavra de Deus reveladora de Seu desígnio sobre o mundo. Mas a teologia dos Padres aspirou particularmente a uma visão de síntese. Seu grande tema foi a "Economia", a História da salvação iniciada desde a Criação e visitada pelo Verbo Criador.¹

A Antologia inclui escritores considerados Padres, mesmo que não tenham sido reconhecidos como santos, tenham deixado a comunhão eclesiástica ou cujas obras não tenham tido aprovação particular da Igreja, como Tertuliano, Orígenes e Eusébio. Alguns Padres, como Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno, no Ocidente, e Basílio, Gregório Nazianzeno, João Crisóstomo e Atanásio, no Oriente, tratavam a Bíblia como um livro santo, cujas riquezas podem ser escavadas somente por pessoas preparadas para honrar e obedecer à mensagem nela contida. Os Padres da Igreja citados pertencem à categoria de "Doutores", título aplicado a partir da Idade Média a teólogos de quaisquer épocas que se destacaram pela santidade e excepcional saber.

[...] eles foram santos da antiguidade, isto é, gente da qual se pode esperar um testemunho válido da tradição, da tradição mais próxima das origens. Fazem jus a um crédito especial de autenticidade, mesmo porque aparecem como pensadores apaixonados pelo Evangelho, que não raro sofreram e deram a vida por sua causa.²

Ambrósio de Milão fora aclamado bispo quando sequer era cristão batizado e tornou-se para o cristianismo uma referência e modelo a ser seguido. Durante toda a sua trajetória eclesial ofertou suas capacidades e dons a serviço da igreja, que "era, para o bispo de Milão, o corpo do Cristo vivo, no qual o homem é salvo, participando ativamente dos mistérios e expiando sincera e publicamente seus pecados"³.

Santo Ambrósio foi um fervoroso defensor e proponente da teologia acessível aos povos simples e, embora suas realizações tenham sido ofuscadas pelas de Agostinho de Hipona, a quem converteu e batizou, o bispo de Milão teve um impacto significativo na teologia cristã e na Igreja, deixando uma grande contribuição no terreno da moral cristã. Suas obras foram amplamente apreciadas pelos humanistas e citadas por concílios medievais, Tomás de Aquino e Lutero como testemunhas da ortodoxia eclesiástica.

¹ GOMES, C. Folch. Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos. Madri: Paulinas, 1973, p. 9.

² GOMES, C. Folch. 1973, p. 11.

³ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, 334-397. A vida de Santo Ambrósio [livro eletrônico]: bispo de Milão: escrita por seu secretário Paulino ao beato Agostinho & IX outras epístolas / Ambrósio, Santo, Bispo de Milão, Paulino Milão. 1 ed., Camaragibe-PE, Editora São Savas, 2024 [s.p.][PDF].

De nobre família romana, nasceu em Tréveris. Aos 31 anos governava em Milão as províncias da Emília e da Ligúria. Na vacância da sede episcopal da cidade, foi eleito bispo (pelo povo) embora ainda fosse apenas catecúmeno. Recebeu então, em breve prazo, o batismo, a ordenação e a sagração episcopal. Sob a direção do sacerdote Simpliciano, adquiriu boa cultura teológica e leu os principais autores gregos, sobretudo Orígenes e São Basílio, cujos escritos eram famosos. Conselheiro de vários imperadores, foi também quem batizou Santo Agostinho, para cuja conversão muito contribuiu.⁴

Ambrósio influenciou sobremaneira Agostinho, que foi arrebatado por sua personalidade, que lhe pareceu essencialmente espiritual. Assimilou em elevado grau a teologia oriental, tendo uma influência no Oriente tão grande quanto poucos Padres da Igreja latina. Sua vida pode ser considerada típica para muitos bispos do século IV, provindo de uma família nobre romana cristã há várias gerações. Recebeu uma sólida formação filosófica, retórica e literária, dominando o grego com fluência, o que o preparou para o serviço jurídico do Estado.

Ambrósio conhecia muito bem os escritos filosóficos e teológicos do Ocidente e do Oriente. Ele admirava filosofia estoica e neoplatônica. Seu pensamento teológico foi fortemente influenciado pela literatura grega. Ambrósio distinguiu-se tanto como orador eclesiástico quanto como escritor de hinos, e muitos de seus hinos estão em uso no culto da Igreja Ocidental.⁵

Sua eleição como bispo de Milão ocorreu de forma inesperada, sendo aclamado pela comunidade dividida como um candidato de compromisso. Apesar de sua relutância inicial, Ambrósio aceitou o chamado e dedicou-se à atividade pastoral, reconciliando as divisões no clero e no povo. Enfrentou desafios políticos, como a disputa em torno do altar da Vitória e a recusa em ceder uma igreja aos arianos, demonstrando firmeza nas questões de fé e dos direitos da Igreja.

Da equanimidade do seu governo é prova a eleição de Ambrósio para bispo de Milão, como sucessor do ariano Auxêncio, tanto da parte dos arianos, como dos católicos. Foi batizado e uma semana depois consagrado bispo [...]. A apressada preparação que precedera sua consagração episcopal foi completada – sob guia constante de Simpliciano – com o estudo sistemático da Bíblia, estudo que perdurou por toda a sua vida e de cuja intensidade e assiduidade Agostinho foi testemunha (*Conf. VI 3,3*). A compreensão da Escritura tornou-se mais profunda graças ao conhecimento dos escritos dos Padres gregos, de autores judeus e pagãos, como Fílon e Plotino. Este estudo, unido à meditação da Palavra de Deus, está na base do seu pensamento teológico, moral, ascético, político e social e é, portanto, a fonte de sua atividade de pastor e de pregador.⁶

A produção literária de Ambrósio de Milão, de ordem prática mais que especulativa, foi orientada por sua intensa atividade pastoral. Ele escreveu obras

⁴ GOMES, C. Folch, 1973, p. 307.

⁵ AMBRÓSIO, 2024. [s.p]. [PDF]

⁶ MARA, M. G. "Ambrósio de Milão". In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 83-85.

de caráter homilético, exortativo e moral, porém poucos são os tratados e os escritos exegéticos que enfrentam diretamente e de modo sistemático problemas teológicos e doutrinários. Estes aparecem, muitas vezes, como respostas solicitadas por circunstâncias contingentes e particulares.

O legado de Ambrósio se estende além de seu tempo, influenciando o pensamento teológico e moral da Igreja ao longo dos séculos. Sua defesa da fé nicena, seu papel nas relações entre Igreja Católica Romana e Estado no Ocidente e sua contribuição para a moral cristã fazem dele uma figura central na história da Igreja e da teologia.

2. AS INFLUÊNCIAS EM AMBRÓSIO DE MILÃO: A ESCOLA DE ALEXANDRIA, FÍLON, ORÍGENES E O NEOPLATONISMO

A influência da Escola de Alexandria, Fílon e Orígenes sobre Ambrósio de Milão é um testemunho da importância da tradição patrística no desenvolvimento do pensamento cristão e demonstra como a interação entre diferentes tradições teológicas pode enriquecer a fé e a prática cristã, oferecendo uma visão mais profunda e holística da revelação divina. Ambrósio foi significativamente influenciado pela tradição teológica e exegética de um dos principais centros de ensino cristão do mundo, a Escola de Alexandria, particularmente através dos escritos e pensamento de Fílon e Orígenes. Esta influência é notória em diversas áreas de sua obra e pensamento, incluindo sua abordagem à exegese bíblica, teologia e pastoral.

Santo Ambrósio foi um dos grandes disseminadores das ideias de Fílon e Orígenes no Ocidente e a influência do primeiro sobre o bispo de Milão é evidente em várias de suas obras, o que inclui seus comentários bíblicos e sermões. Em Drobner, vemos que:

A ampla obra exegética de Ambrósio consistia, em sua maior parte, de homilias que ele próprio revisou, completou e editou. Dos vinte comentários conservados, apenas um, embora o mais extenso, tem como tema um livro do Novo Testamento: *a Expositio Evangelii secundum Lucam*. Todos os demais tratam do Antigo Testamento, o que lança luz sobre seu interesse e concepção da Bíblia, que, naturalmente, se desenvolveu mais e mais ao longo dos anos. No início, Ambrósio dependia tanto de Fílon de Alexandria que chegaram a chamá-lo de *Philo Christianus*; e suas obras *De Paradiso*, *De Caín et Abel*, *De Noé* e *De Abraham* podem ser consideradas extratos de Fílon, a ponto de que se tentou reconstruir, a partir de Ambrósio, textos perdidos ou corrompidos de Fílon. Sua segunda principal autoridade foi Orígenes; em anos posteriores, Basílio, o Grande, especialmente na exegese do relato da criação em seis dias.⁷ (tradução própria)

A alegoria ajudou a estruturar as tendências filosóficas greco-romanas no Judaísmo e, simultaneamente, contribuiu para o surgimento do Cristianismo, promovendo a adaptação dos métodos alegóricos à exegese das Escrituras Judaicas por Fílon de Alexandria (20 a.C. - 50 d.C.). Ele, que era um praticante da

⁷ DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Editorial Herder, S.A, Barcelona, 1999, p. 342.

*alegorese*⁸ aplicada ao Antigo Testamento, usando-a para evitar mal-entendidos míticos que poderiam surgir de uma interpretação literal, interpreta as Escrituras de maneira alegórica, atribuindo novos significados a elas e integrando a sabedoria clássica de forma conceitual. Assim, apresenta essa sabedoria como a verdade subjacente às Escrituras, colocando Moisés como o filósofo original e superior aos autores clássicos. Adriano Filho aponta que a leitura de Fílon transforma a Escritura numa reescritura de significados clássicos e, paradoxalmente, esta reescritura é apresentada como um escrito original.

Fílon compara a relação entre o sentido literal e o alegórico com a que existe entre o corpo e a alma, e o fato de que a alegoria quer alcançar algo invisível e mais elevado implica que este sentido não pode ser imediatamente acessível aos leitores [...] Fílon utiliza a linguagem órfico-mistagógica ao descrever o sentido alegórico que existe para os que se interessam pela alma e não pela letra. A chave da Escritura se descerra somente para o círculo dos que são dignos do invisível. O discurso religioso procura tratar do supraterrâneo por intermédio de uma linguagem terrena.⁹

Ambrósio, seguindo os modelos alexandrinos, fez uso extensivo da alegoria e da tipologia, mas adaptou essas técnicas de acordo com sua visão da unidade histórico-salvífica entre os Testamentos. Em suas obras posteriores, incorporou ideias neoplatônicas e abordagens exegéticas parenético-morais, com ênfase na interpretação espiritual e pastoral. Embora seja um dos principais transmissores da teologia grega para o Ocidente, após Hilário de Poitiers, Ambrósio teve limitações na interpretação do Novo Testamento, focando mais no sentido literal devido à falta de grandes modelos para esse segmento das Escrituras.¹⁰

A Escola de Alexandria era conhecida por sua ênfase na interpretação alegórica e espiritual das Escrituras. Os alexandrinos buscavam desvelar os significados ocultos sob a superfície literal do texto, utilizando a alegoria como chave hermenêutica para acessar as verdades espirituais mais profundas. Essa abordagem se fundamentava na convicção de que as Escrituras possuíam múltiplos níveis de significado, sendo a letra apenas um véu que ocultava mistérios divinos.

Desde sua fundação, Alexandria se impôs como um dos máximos centros culturais, científicos e econômicos do Mediterrâneo. A vivacidade de sua vida intelectual, na qualidade de herdeira da civilização helênica, e também a fecundidade da dialética interétnica e inter-religiosa prepararam o terreno para o desenvolvimento de um cristianismo culturalmente qualificado e rico de inspirações, ambiente privilegiado, na variedade de suas formas e de suas tendências ideológicas, de vívidos debates, que frequentemente desembocam em divisões e lutas violentas, mas também laboratório de fenômenos

⁸ Processo explícito de interpretação.

⁹ ADRIANO FILHO, José. *Combate ao mundo e conquista do paraíso: ficção e alegoria no Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Campinas, SP : [s.n.][PDF], 2013.

¹⁰ DROBNER, H. R., p. 342.

institucionais e socioculturais destinados a ter repercussões não indiferentes sobre a cristandade do Mediterrâneo.¹¹

A Escola Catequética de Alexandria teve como fundador Panteno, filósofo e teólogo cristão do século II, educado na doutrina estoica que, ao converter-se ao cristianismo procurou conciliar a nova fé com a filosofia grega. Panteno foi um dos primeiros professores e líderes desta escola e desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da teologia cristã e da exegese bíblica em Alexandria. Posteriormente, a escola foi desenvolvida por Clemente e Orígenes, que buscaram uma síntese entre a filosofia grega e a teologia cristã, um método alegórico que não se limitava a uma leitura literal dos textos sagrados, mas procurava extrair significados espirituais e teológicos mais profundos.

De acordo com Camplani, na escola de Alexandria se desenvolveu uma forma de cristianismo embebido de platonismo e culturalmente qualificado que deixou marcas profundas na história do pensamento cristão (a partir do século II com Clemente e Orígenes):

Alexandria configurou-se como um dos principais laboratórios do cristianismo antigo na pluralidade de sucessos aos quais deu lugar, quer tenham sido qualificados sucessivamente como aberrantes e heréticos (gnosticismo e arianismo, mais tarde o origenismo), quer tenham sido percebidos como importantes contribuições para a formulação do pensamento cristão (→ cristologia, → exegese da Escritura, teologia → trinitária, mística), mas também como lugar da experimentação de novas estruturas institucionais. trata-se, portanto, de uma contribuição em mais níveis que pode ser estudada e desenvolvida graças a uma extraordinária multiplicidade de fontes.¹²

"Consoante Eusébio, (HE V, 5, 10; VI, 6), Orígenes teria sucedido na direção da escola a Panteno e a Clemente Alexandrino: ele quer acreditar que, tal qual acontece às escolas filosóficas, esta contara com uma sucessão de mestres ilustres"¹³. Orígenes, um dos teólogos mais influentes de Alexandria, foi um pioneiro nesta abordagem. Ele desenvolveu uma exegese que combinava a erudição bíblica com a especulação filosófica, influenciando profundamente o pensamento cristão subsequente.

Outro tema relevante é a defesa da Escritura. Orígenes defende-lhe - quando é o caso - o significado literal e a simplicidade - grosseria e falta de cultura segundo Celso - colocando às claras a capacidade da Escritura de converter as multidões para uma vida moral irrepreensível, chegando onde os escritos dos filósofos não conseguem marcar presença (CC III, 68). Sobretudo, reclama também para os cristãos o direito de aplicar à Escritura aquela interpretação alegórica que os autores pagãos já aplicavam havia tempo aos seus mitos tradicionais, porque também nas Escrituras cristãs - contrariamente a

¹¹ CAMPLANI, A. "Alexandria". In: DI BERNARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manilo. *Literatura Patristica*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010, p. 84-110.

¹² CAMPLANI, A., 2010, p. 85.

¹³ CASTAGNO, A. Monaci. "Orígenes". In: DI BERNARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manilo. *Literatura Patristica*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010, p. 1292-1311.

quanto entende Celso - estão encerrados significados mais profundos e espirituais (CC IV, 38; I, 17).¹⁴

Diferente de Fílon, Orígenes utiliza a alegoria de maneira tipológica, identificando-a em todo o Antigo Testamento. Este também influenciou a teologia de Ambrósio, especialmente na valorização da busca intelectual para a compreensão da fé. Ambos acreditavam que a fé e a razão poderiam trabalhar juntas para revelar as verdades divinas, algo que o bispo de Milão provavelmente assimilou ao estudar as obras de Orígenes. Ambrósio adotou a noção de ascensão espiritual de Orígenes, que enxerga a vida cristã como um contínuo progresso em direção a Deus. Na pastoral, essa influência é evidente no enfoque de Ambrósio na espiritualidade e na vida ascética. Inspirado pela ênfase de Orígenes na pureza espiritual e no ascetismo, Santo Ambrósio incorporou esses elementos em suas próprias práticas e ensinamentos. Ele incentivava seus seguidores a buscarem uma vida de disciplina espiritual e crescimento interior, refletindo a espiritualidade profunda e mística promovida por Orígenes. De acordo com Hall, "Ambrósio foi o primeiro instrutor de Agostinho nas Escrituras e ensinou-lhe a metodologia interpretativa alegórica de Orígenes".¹⁵

Orígenes passa da divisão de Paulo da humanidade em corpo, alma e espírito para uma divisão similar existente na própria Escritura, com a "lei espiritual" como o ápice do significado mais profundo da Escritura. "Porquanto como um homem consiste de corpo, alma e espírito, assim também a Escritura, a qual foi dada por Deus para a salvação dos homens."¹⁶

Na exegese alegórica de Ambrósio é possível observar a influência da interpretação bíblica de Orígenes, que fora adotada, adaptada e aplicada às próprias obras exegéticas. Em seu comentário sobre o Evangelho de Lucas, por exemplo, Santo Ambrósio emprega uma abordagem alegórica para revelar significados espirituais profundos - além do literal - nos textos sagrados e foi essa abordagem que lhe permitiu fazer conexões teológicas complexas e apresentar uma visão mais rica e profunda da fé cristã. Agostinho escutou pessoalmente as prédicas do bispo de Milão (provavelmente as homilias sobre o Examerão, sobre Isaac e a alma e O bem da morte).

Essa homilética, nova para ele, lhe fez compreender que a Bíblia podia ser lida de modo diferente do que ele fizera na juventude. O cristianismo era uma realidade espiritual que podia dar alguma coisa tanto aos doutos como aos ignorantes, diferentemente de quanto professava o maniqueísmo, que distinguia tão rigorosamente perfeitos e principiantes. A consequência, portanto, foi que Agostinho abandonou definitivamente o maniqueísmo e se aproximou do neoplatonismo cristão, vendo que a retórica, que ele professava, tinha cada vez menos a lhe oferecer. A adesão ao neoplatonismo cristão fora preparada também pela leitura de alguns livros de neoplatônicos.¹⁷

¹⁴ CASTAGNO, A. Monaci, 2010, p. 1307.

¹⁵ HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 99.

¹⁶ HALL, Christopher, 2000, p. 137.

¹⁷ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Grega e Latina: II do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média*. São Paulo, SP: Loyola, 2000, p. 17.

Com relação ao neoplatonismo, uma das principais correntes filosóficas desenvolvida por Plotino¹⁸ (c. 205-270) e seus seguidores - como Porfírio - no século III, esta exerceu grande influência sobre o pensamento cristão da Antiguidade Tardia¹⁹. Caracterizado por uma visão hierárquica da realidade, o neoplatonismo concebia o mundo como uma emanção do Uno, o princípio supremo e transcendente. Segundo essa perspectiva, a realidade é organizada em níveis ontológicos progressivamente mais distantes do Uno, desde o mundo inteligível das ideias até o mundo sensível da matéria. Plotino defendia, como Platão, a preexistência da alma e, ao mesmo tempo, a liberdade de escolha entre o bem e o mal.

Embora o bispo de Milão não fosse um neoplatonista no sentido estrito, ele foi influenciado por ideias neoplatônicas. A abordagem de Ambrósio às Escrituras, é também marcada por esta influência ao revelar uma integração sofisticada entre técnicas alegóricas e tipológicas e conceitos filosóficos platônicos. Ele, assim como Fílon e Orígenes, empregou a alegoria e a tipologia para descobrir significados mais profundos nas Escrituras, além do literal, vendo nelas símbolos e tipos que apontavam para realidades espirituais superiores. O neoplatonismo, com sua ênfase na distinção entre o mundo sensível e o mundo das ideias e sua hierarquia, reforçou essa abordagem, permitindo a Santo Ambrósio conectar as Escrituras com conceitos de uma verdade universal e eterna. Ele aplicou o dualismo neoplatônico à sua exegese, percebendo as Escrituras como manifestações da verdade eterna e transcendental, e acreditava que a compreensão espiritual das Escrituras revelava verdades mais profundas sobre Deus e a criação.

Além disso, Ambrósio enfatizou a dimensão espiritual das Escrituras, enxergando o Antigo Testamento não apenas como um relato histórico, mas como um testemunho das verdades espirituais e da ordem divina. A influência neoplatônica também se manifestou na forma como ele integrou filosofia e teologia, incorporando a ideia de um princípio divino supremo e uma ordem espiritual orientadora da criação.

3. O EXAMERÃO: SEXTO DIA

Apesar de toda a influência de Fílon, Orígenes e o neoplatonismo nos escritos de Ambrósio de Milão, em Examerão - e aqui o foco será apenas o sexto dia - o bispo segue também a influência de Basílio de Cesareia, - conhecido ainda como Basílio, o Grande e Basílio Magno -, especialmente na abordagem literal do relato da criação em Gênesis. O conhecimento da língua grega por Ambrósio foi

¹⁸ Filósofo de língua grega, discípulo de Amônio Sacas, que era de tradição platônica. O termo neoplatonismo foi aplicado à filosofia de Plotino devido à sua influência em toda a antiguidade tardia. Na sua filosofia apresentada nas *Enéadas*, destacam-se três princípios fundamentais: o Uno, o Intelecto e a Alma do Mundo. A originalidade do pensamento de Plotino reside em sua reinterpretação das ideias de Platão e Aristóteles sobre a natureza do Intelecto e o "além do Intelecto", representado pelo Uno. Para ele, o ser humano, parte do mundo sensível, deve trilhar um caminho de introspecção que vai da Alma do Mundo ao Intelecto e, finalmente, ao Uno. Através desse processo, o indivíduo busca alcançar uma união mística com o princípio divino supremo, o Deus por excelência. Influenciou Ambrósio de Milão e, conseqüentemente, Agostinho.

¹⁹ Período histórico que se estende aproximadamente do século III ao século VII d.C., marcando a transição do mundo antigo para a Idade Média.

de grande vantagem, pois lhe permitiu trocar experiências com Basílio, seu contemporâneo. "Diz-se que, se a Igreja do Ocidente dialogasse com a do Oriente como dialogam esses dois santos Padres, não teria havido o cisma..."²⁰

Basílio foi uma figura central para Ambrósio que o inspirou a interpretar o texto bíblico de maneira direta, focando na ordem e na harmonia da criação como reflexos da obra divina. No entanto, Santo Ambrósio também recorre à alegoria em momentos específicos, influenciado pela tradição de Fílon de Alexandria e Orígenes. Assim, embora sua exegese em *Examerão* seja predominantemente literal, ele não descarta completamente o uso de métodos alegóricos para revelar significados espirituais mais profundos nas Escrituras, principalmente no sexto dia.

O bispo de Milão inspirou-se na obra homônima que Basílio escreveu cerca do ano 388, *Sobre o Hexaemeron*, uma série de nove homilias, que ele pregou no período da Quaresma, com o intuito de explicar e comentar o sentido literal do relato bíblico sobre os seis dias de criação. Ambrósio aproveitou o comentário da criação e o retocou em sua obra de mesmo nome. Assim, "a metodologia de Ambrósio no *Examerão* consiste quase sempre em partir do sentido literal da Escritura e dele tirar ilações teológicas e morais".²¹

Uma característica da exegese de Basílio é a rejeição enfática da alegoria em sua interpretação da narrativa da criação. Ele preferia a interpretação literal das Escrituras e criticava aqueles que, ao invés de aceitarem o sentido comum dos textos bíblicos, transformavam elementos naturais em símbolos baseados em suas próprias imaginações.

Parece-me que aqueles que, entregando-se ao significado distorcido da alegoria, empreenderam dar uma majestade de sua própria invenção às Escrituras, não entenderam isso. É acreditar-se mais sábio que o Espírito Santo e trazer à tona suas próprias ideias sob o pretexto de exegese. Vamos ouvir as Escrituras como foram escritas.²²

Para Basílio, a fidelidade ao significado literal das passagens era essencial, em contraste com as deturpações alegóricas que alguns exegetas empregavam.

Conheço as leis da alegoria, embora menos por mim mesmo do que pelas obras de outros. Há aqueles, verdadeiramente, que não admitem o sentido comum das Escrituras, para quem água não é água, mas qualquer outro produto; que vêem em uma planta ou em um peixe o que sua imaginação deseja; que mudam a natureza dos répteis e das feras selvagens para adequá-los às suas alegorias, como os intérpretes de sonhos, que explicam as visões no sono para fazê-los servir a seus

²⁰ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397. *Examerão: os seis dias da criação*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 11.

²¹ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397, 2009, p. 13.

²² BASÍLIO DE CESAREIA. The Hexaemeron: Homily IX. Traduzido por Blomfield Jackson. In: SCHAAF, Philip; WACE, Henry (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*. Segunda Série, vol. 8. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1895. Revisado por Kevin Knight para New Advent. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/32019.htm>>. Acesso em: [29.08.24]

próprios fins. Para mim grama é grama; peixe, animal selvagem, animal doméstico, tomo-os todos no sentido literal.²³

O sexto dia, em Examerão, trata da criação dos animais terrestres e do ser humano. Através da descrição de muitos animais, onde, em todos, enxerga a sabedoria divina, Santo Ambrósio, além de dedicar especial atenção ao período, tira lições teológicas e morais para os seres humanos a partir dos hábitos de cada ser vivo criado na terra.

“Em Examerão”, Ambrósio discorre alegoricamente sobre a criação, inspirado na obra de mesmo nome escrita por São Basílio. Nessa obra, relata exegética e filosoficamente a respeito de cada dia da criação explicada nas Sagradas Escrituras. Contrariando as correntes filosóficas de seu tempo, defendeu e provou que o mundo foi feito, não sendo coeterno a Deus.²⁴

Sua interpretação desse dia é particularmente rica em simbolismos e alegorias, revelando não apenas verdades sobre a criação, mas também sobre a natureza humana, o livre-arbítrio e a relação entre o ser humano e Deus. Para avaliarmos a interpretação de Ambrósio, utilizaremos os trechos presentes em 1,1; 4,21; 6,39; 4,16 e 2,3.

Em 1,1, Ambrósio faz uso tanto da alegoria quanto da literalidade para transmitir uma mensagem espiritual profunda:

"Com efeito, nós não reclamamos as coroas dos atletas, que murcham, mas o verdejante discernimento de vossa santidade, pelo qual podeis perceber que por todas as criaturas perpassa a divina providência, que o consórcio da fragilidade corpórea é comum a vós e às outras criaturas, mas que, superiores a todas elas, vós sois dotados da virtude do espírito, a única que nada tem em comum com as outras".²⁵

De maneira literal, ele menciona as coroas dos atletas, que são símbolos de conquista e glória efêmera, para contrastar com algo mais duradouro e significativo. Contudo, a alegoria é usada quando Santo Ambrósio fala do "verdejante discernimento de vossa santidade" e da "divina providência" que perpassa todas as criaturas. Ele está se referindo a uma capacidade espiritual superior que transcende a fragilidade física e a transitoriedade dos bens materiais. O discernimento espiritual é comparado ao "verde" que representa algo duradouro e vital em contraste com as coroas que murcham. Além disso, ele usa a alegoria para enfatizar a virtude do espírito como algo único e distinto das qualidades físicas e materiais das criaturas.

No trecho, podemos observar importantes influências teológicas na interpretação de Ambrósio. Fílon veria a "fragilidade corpórea" como uma metáfora para a imperfeição e a transitoriedade do mundo material, enquanto a

²³ BASÍLIO DE CESAREIA. *The Hexaemeron*. Trad. Blomfield Jackson. NPNF Segunda Série, vol. 7. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1994. Homilia 9:101. Citado por HALL, Christopher A., em *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*, Viçosa: Ultimato, 2000, p. 84.

²⁴ VIEIRA, Italo Lemos. VIEIRA, Vinicius da Silva. *Patrística ambrosiana: aspectos filosóficos e contribuições para a Teologia*. REFLEXUS, ano XIV, v. 14, n. 2, 2002/02.

²⁵ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397, 2009, p. 226.

"virtude do espírito" representaria a verdade eterna e transcendental. Para Fílon, a divina providência que permeia todas as criaturas pode ser entendida como uma reflexão da ordem divina subjacente ao mundo material. O contraste entre a fragilidade do corpo e a virtude do espírito pode ser visto como uma alegoria que revela a superioridade da realidade espiritual sobre a material. Orígenes, que também usa a alegoria, mas com um foco mais moral e espiritual, poderia interpretar a "fragilidade corpórea" como uma representação das limitações e tentações humanas, enquanto a "virtude do espírito" seria o ideal cristão que o ser humano deve aspirar alcançar. Para Orígenes, o discernimento espiritual que permite perceber a providência divina em todas as coisas é uma forma de iluminação moral e espiritual. O contraste entre a fragilidade física e a virtude espiritual destaca a jornada do cristão em superar a fraqueza humana e buscar a perfeição espiritual. A abordagem mais literal de Basílio também pode ser observada. No contexto do trecho, ele veria a "fragilidade corpórea" como um fato real e literal, uma característica comum a todas as criaturas, incluindo os seres humanos. A "virtude do espírito", para Basílio, é uma qualidade real e distinta que os seres humanos podem desenvolver, mas ele não necessariamente vê essa virtude em termos alegóricos. A ideia de que os humanos são dotados de uma virtude superior que nada tem em comum com as outras criaturas é vista de maneira mais concreta, refletindo uma crença na capacidade humana para alcançar uma compreensão e uma virtude que transcendem o simples estado material.

Em análise sobre as feras e o sentimento materno, em 4,21:

É o que nos apresenta a Escritura que diz: filhos, amai vossos pais; pais, não provoqueis vossos filhos à ira; a natureza infunde isto nas feras, para que elas amem suas próprias crias, estimem seus filhotes. Elas não conhecem ódios de madrastas; as mães, no acasalamento seguinte, não se deixam perverter pela prole e não têm preferência pelos filhos da união posterior, negligenciando os da anterior. Reconhecem seus filhotes, não conhecem diferença de amor, incentivos de ódios, separações de inimizades. A natureza das feras é simples, desconhece fraudes à verdade. Com efeito, o Senhor assim dispôs convenientemente todas as criaturas, de modo que aquelas às quais deu menos razão, favoreceu com mais sentimento. Que fera não se expõe, ela própria, até à morte por amor de seus filhotes? Que fera, ainda que sitiada por inúmeras fileiras de soldados, não protege seus filhotes em seu seio? Pode sobrevir uma saraivada de dardos,³⁷ ela defende do perigo as crias, cercando-as ilesas com o muro de seu corpo. O que diz o homem, que despreza o mandamento, esquece a natureza? O filho despreza o pai, o pai abandona o filho: e julgam que é lícito rejeitar a fecundidade. O pai, que declara sem valor aquilo que gerou, em verdade rejeita a si mesmo: e isto é levado em conta de autoridade, enquanto a natureza é lesada pela esterilidade.²⁶

Ambrósio de Milão utiliza um significativo contraste entre o comportamento das feras e o comportamento humano para destacar a diferença entre a natureza instintiva dos animais e a moralidade humana. Analisando o texto sob as perspectivas literal e alegórica, conseguimos observar que no âmbito literal, ele refere-se às instruções bíblicas para o relacionamento entre pais e filhos, como: "filhos, amai vossos pais; pais, não provoqueis vossos filhos à ira" e

²⁶ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397, 2009, p. 238.

compara essas instruções à natureza instintiva das feras, que cuidam de suas crias de maneira incondicional e sem preconceitos. As feras, segundo ele, não têm ódio de madrastas e não negligenciam seus filhotes em favor de uma nova ninhada. Elas mostram uma dedicação total aos seus filhotes, defendendo-os ferozmente contra ameaças. Já sob o ponto de vista da análise alegórica, Santo Ambrósio usa o comportamento das feras como uma metáfora para uma virtude que ele considera ideal: o amor e a proteção incondicionais. As feras simbolizam uma forma pura e instintiva de amor que o bispo de Milão vê como superior ao comportamento humano que, por vezes, é falho. Ele sugere que, embora os animais não sejam providos da racionalidade, sua devoção e proteção são mais consistentes e verdadeiras do que o comportamento humano, providos da razão. Essa alegoria serve para criticar a negligência e a falha moral humanas, que ele considera ainda mais graves quando comparadas à simplicidade e à fidelidade dos animais. Enquanto as feras seguem uma natureza instintiva de cuidado e proteção, o ser humano muitas vezes ignora essas qualidades fundamentais, demonstrando negligência e até rejeição das suas próprias responsabilidades parentais. A leoa, como figura, representa o amor maternal absoluto e protetor. Ela defende seus filhotes com a própria vida e não faz distinções entre suas crias. Essa imagem é usada para contrastar com a atitude das mães e pais humanos que, em muitas situações e casos, abandonam ou negligenciam seus filhos, ignorando o mandamento divino de amor e cuidado. Ambrósio destaca que, em comparação às feras, os seres humanos frequentemente falham em suas responsabilidades e valores fundamentais.

Em 6,39, o bispo de Milão destaca a distinção entre o corpo e a alma, enfatizando a importância do autoconhecimento e da renovação espiritual. O texto discute a natureza da verdadeira identidade humana, que não é a carne, mas a alma, que é eterna e dotada de beleza superior:

[...] conhece-te a ti mesmo, ó homem, porque não é de Apolo Pítio, como dizem, mas do santo Salomão, a palavra que diz: se não te conheceres, formosa entre as mulheres, mesmo embora muito antes Moisés já tivesse escrito no livro do Deuteronômio: Fica atento a ti Homem, fica atento a ti mesmo, quem diz isto? Formosa entre as mulheres, diz a Lei, e o profeta diz: se não te conheceres. A diz ele. Quem é formosa entre as mulheres, senão a alma, que em ambos os sexos possui a superioridade da beleza? E é bela com razão, porque não deseja as coisas terrenas, mas as celestes, nem as corruptíveis, mas as incorruptíveis, nas quais a beleza não costuma perecer; com efeito, todas as coisas corpóreas murcham com o passar do tempo ou com uma infinidade de doenças. Fica atento a esta beleza na qual está todo o teu ser, diz Moisés, na qual está tua melhor parte. Finalmente, o Senhor interpretou quem tu és, ao dizer: ficai atentos aos falsos profetas; pois estes debilitam a alma, arruinam a mente. Portanto, tu não és carne. O que é a carne, sem o comando da alma, sem o vigor da mente? A carne hoje se põe, amanhã se depõe. A carne é temporária, a alma é duradoura. A carne é o manto da alma; a alma se reveste da carne como que com a roupa do corpo. Portanto, tu não és a roupa, mas sim aquele que usa a roupa. Por isso se diz para ti que, despojando-te do velho homem com seus atos, vistas o novo, que se renova não na qualidade do corpo, mas no espírito da mente e no conhecimento. Não, digo eu, tu não és carne; com efeito, não é à carne que se diz: pois o templo de Deus é santo, e este templo sois vós, templo de Deus, e o Espírito Santo de Deus habita em vós, e em outro

lugar: vós sois o— mas se diz aos renovados e fiéis, nos quais permanece o Espírito de Deus. Nos carnaís, porém, o Espírito não permanece, porque está escrito: meu Espírito não permanecerá nestes homens, porque são carnaís.²⁷

O trecho acima também reflete a síntese das influências de Fílon, Orígenes e Basílio de Cesarea na interpretação de Ambrósio de Milão sobre a natureza humana e a espiritualidade. Ele adota a dualidade de Fílon entre o espiritual e o material, enfatizando que a verdadeira essência do ser humano não reside no corpo, que é temporário, mas na alma, que é eterna e espiritual. Essa perspectiva é clara quando Ambrósio distingue a alma como a verdadeira beleza, que transcende a fragilidade corporal. A influência de Orígenes é evidente na abordagem alegórica e espiritual, visto que acreditava que o mundo material é uma sombra da realidade espiritual. Santo Ambrósio segue essa linha ao afirmar que a verdadeira beleza e o conhecimento estão na alma, e não no corpo. Ele também usa a interpretação alegórica para ressaltar a superioridade da alma sobre o corpo. A exegese literal e foco na vida espiritual prática de Basílio influencia a ênfase de Ambrósio na renovação espiritual e na moralidade. Santo Ambrósio reflete essa abordagem ao afirmar que o Espírito Santo habita nos fiéis renovados, não nos carnaís, alinhando-se com a visão de Basílio sobre a importância da vida espiritual e da moralidade. Ambrósio de Milão combina essas influências para apresentar uma visão integrada da natureza humana, destacando a superioridade da alma sobre o corpo e a necessidade de renovação espiritual, mantendo a relevância das tradições teológicas anteriores.

Em Examerão, o bispo de Milão usa a natureza dos animais como metáfora para virtudes humanas, destacando, por exemplo, a formiga e o cão, ensinando, desta forma, que até os animais nos mostram a importância do zelo, da gratidão e da responsabilidade.

Há também na natureza dos quadrúpedes algo que as palavras do profeta nos exortam a imitar; pelo exemplo seguinte, tomemos cuidado com a preguiça e não abandonemos o zelo pela virtude por causa da pequenez e da fraqueza do corpo, nem nos afastemos da grandeza do que nos foi proposto. A formiga é, de fato, pequena, mas surpreende os animais maiores por sua força e não trabalha obrigada como escrava: espontaneamente, por providência, prepara de antemão recursos para alimentar-se no futuro. A Escritura te aconselha a imitar a arte dela, dizendo: compara-te com a formiga, ó preguiçoso; imita seus caminhos e sê mais sábio do que ela. Com efeito, ela nada cultiva: não tem quem a domine, nem trabalha para um patrão, e prepara sua comida colhendo para si a messe de seus trabalhos! E quando tu muitas vezes passas necessidade, a ela nada falta. Para ela, não há celeiros fechados, piquetes impenetráveis, silos invioláveis. O vigia olha e não consegue impedir os furtos, o dono enxerga e não recupera seus prejuízos. Os despojos são transportados pelo negro esquadrão através dos campos, as veredas se animam com o cortejo das viandantes, e os grãos maiores, que elas não podem pegar com a boca estreita, arrastam-nos sobre os ombros. O dono da messe vê isto e envergonha-se de negar ganhos tão parcos à piedosa arte. O que direi dos cães, em cuja natureza está como que inscrito render graças e montar solícita guarda para a segurança dos donos? Por isso, clama a

²⁷ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397, 2009, p. 249.

Escritura aos esquecidos deste serviço, aos negligentes e preguiçosos: cães mudos, incapazes de ladrar. Portanto, são cães os que sabem latir pelos donos, os que sabem defender suas casas. Por isso, aprende tu também a fazer ouvir tua voz por Cristo, quando grandes lobos invadem o aprisco de Cristo; aprende a ter a palavra em tua boca, para não parecer que negligenciaste com o silêncio da prevaricação a guarda da fé que te foi confiada, como se fosses um cão mudo. Tal qual um cão é o viajante e companheiro do anjo, que no livro profético Rafael julgou oportuno juntar a si e ao filho de Tobias, quando prosseguia no caminho, para pôr Asmodeu em fuga e consolidar o casamento; com efeito, por ter sido lembrado o sentimento, foi expulso o demônio e consumou-se o casamento. E assim, pela figura de um animal mudo, São Rafael, o anjo que recebera o jovem Tobias para proteger, ensinava-lhe o sentimento de render graças. Com efeito, quem não se envergonharia de não render graças aos que lhe prestaram um grande serviço, quando vê que até os animais refugam a acusação de ingratidão? Eles guardam a memória do alimento repartido, e tu não te recordas da salvação que recebeste?

A formiga, embora pequena, trabalha com diligência e previdência, ensinando-nos a evitar a preguiça e a valorizar o esforço e a preparação. O cão, por sua vez, é símbolo de gratidão e vigilância, servindo como exemplo de fidelidade e proteção. Santo Ambrósio adverte contra a negligência espiritual, comparando aqueles que não defendem sua fé aos "cães mudos".

A abordagem alegórica da natureza, usada por Ambrósio, reflete o pensamento de Fílon, que via as características dos seres vivos como símbolos das virtudes humanas. A formiga e o cão não são apenas animais, mas representações de virtudes espirituais, tal como Fílon via o mundo físico como reflexo de verdades superiores. A ideia de que a natureza, mesmo em suas formas mais simples, como animais, pode ensinar lições espirituais é uma característica de Orígenes, que via o mundo criado como um livro onde se pode ler os mistérios de Deus. Ambrósio segue essa linha, mostrando que, através dos exemplos da formiga e do cão, podemos aprender sobre trabalho diligente e gratidão, valores essenciais para a vida espiritual. O tratamento de Basílio dado às criaturas naturais em seu próprio *Hexaemeron*, onde enxerga a providência divina presente em todos os aspectos da criação, também ecoa na interpretação do bispo de Milão. A natureza dos animais, para Basílio e Ambrósio, é um reflexo da ordem divina e, por isso, digna de ser imitada e estudada. Santo Ambrósio reforça essa perspectiva ao exortar seus leitores a aprenderem com as virtudes dos animais. Assim, a passagem une as tradições de Fílon, Orígenes e Basílio, usando a natureza como um espelho que reflete as verdades espirituais, conectando o mundo físico com a dimensão espiritual.

Escolhemos o trecho do sexto dia em 2,3 para finalizar esta análise da interpretação de Ambrósio de Milão, onde ele aborda a criação dos animais e do homem, seguindo a ordem narrativa do Gênesis. Ele reconhece que muitos desejam uma compreensão mais direta sobre a natureza humana, mas insiste que, para se conhecer a si mesmo, é necessário primeiro compreender a natureza dos outros seres vivos.

Agora vamos, falemos sobre a natureza dos animais e sobre a criação do homem. Ouço dizer, com efeito, que há muito tempo alguns já estão murmurando, dizendo: “Até quando vamos aprender coisas

alheias e ignorar as nossas, até quando vamos receber ensinamentos sobre os outros seres vivos e ignorar a nós mesmos? Que ele diga o que serve para mim, para que eu possa conhecer-me a mim mesmo”. E é justa esta queixa, mas é preciso observar a ordem que a Escritura encerra, mesmo porque não podemos conhecer plenamente a nós mesmos sem antes conhecermos qual seja a natureza de todos os seres vivos. Diz a Escritura: produza a terra a alma vivente segundo a espécie, quadrúpedes, serpentes, animais da terra e rebanhos segundo a espécie, e todos os répteis segundo a espécie. E Deus fez os animais da terra, todos os rebanhos segundo a espécie e tudo o que se arrasta sobre a terra segundo a espécie. E Deus viu que era bom e Deus disse: Façamos o homem.[...] ^{28 29}

Santo Ambrósio enfatiza que o conhecimento de toda a criação é fundamental para a compreensão do próprio ser humano através de uma abordagem holística. Essa passagem reflete uma visão teológica que valoriza a interconexão entre o homem e toda a criação. A ordem apresentada na Escritura - com a criação dos animais precedendo a criação do homem - sugere que o entendimento da natureza e da alma dos outros seres vivos prepara o terreno para uma reflexão mais profunda sobre a natureza humana. Ambrósio prossegue consonante com a alegoria de Orígenes, onde a criação física tem um significado espiritual e não apenas relata a criação dos animais e do homem de forma literal, mas utiliza isso para ilustrar um caminho de autoconhecimento. A compreensão dos seres vivos é um passo necessário para se chegar ao entendimento da alma humana, o que se alinha com a visão de Orígenes sobre a criação como uma revelação progressiva da verdade espiritual. Esta abordagem de Santo Ambrósio também se alinha com a interpretação alegórica de Fílon, onde cada elemento da criação possui um significado que vai além do literal. Fílon via a criação como uma manifestação do *logos* divino e, aqui, Ambrósio sugere que o conhecimento dos animais e sua ordem natural é essencial para o conhecimento do homem, refletindo a ideia de que a criação serve como um espelho da ordem divina e da razão superior. A ênfase de Santo Ambrósio de Milão na ordem da criação também remete à exegese de Basílio, que insistia na importância da interpretação literal das Escrituras, mas sem descartar sua dimensão espiritual. Basílio via a criação como uma obra harmoniosa de Deus, onde cada elemento tinha seu propósito e lugar. Ambrósio mantém essa ordem e mostra como o estudo da criação é um caminho necessário para o autoconhecimento, ressaltando a harmonia entre a ordem natural e a espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, Santo Ambrósio de Milão constrói uma Teologia da Criação onde o conhecimento do ser humano está intrinsecamente ligado ao entendimento da criação como um todo. O ser humano, criado à imagem de Deus, só pode ser plenamente compreendido dentro do contexto da criação divina, onde cada ser vivo tem seu papel e significado.

A interpretação de Ambrósio, conforme expresso no sexto dia, em seu Examerão, revela uma abordagem profundamente holística e interdependente que

²⁸ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397, 2009, p. 226.

²⁹ Basílio, Hexaemeron, 7,6.

é fundamental para esta teologia: Santo Ambrósio de Milão não apenas proporciona uma leitura detalhada da criação, mas também destaca a interconexão entre o ser humano e o mundo natural. Para ele, o ser humano, criado à imagem de Deus, só pode ser plenamente compreendido dentro do contexto da criação divina, onde cada ser vivo tem um papel e significado específico.

A influência de Filon, Orígenes e Basílio é perceptível na exegese de Ambrósio. Filon introduziu a ideia de que a criação reflete o *logos* divino e possui significados alegóricos, um conceito que o bispo de Milão incorpora ao sugerir que a criação revela verdades espirituais profundas. Orígenes contribuiu com a ideia da interpretação alegórica das Escrituras, que Santo Ambrósio utiliza para explorar os aspectos espirituais da criação. Basílio, por sua vez, ressaltou a ordem natural e a interpretação literal das Escrituras, elementos que Ambrósio integra para sublinhar a harmonia entre o mundo físico e o espiritual.

A importância de Ambrósio de Milão para os escritos teológicos da Igreja é inegável. Como um proeminente padre da Patrística, sua influência perpassa a obra de seus predecessores e contemporâneos, ajudando a moldar a antropologia teológica e a soteriologia da Igreja Latina do século IV. Sua teologia da criação não apenas fornece uma base para a compreensão do ser humano e sua relação com o mundo, mas também oferece um modelo de respeito e responsabilidade para com a natureza.

Se os princípios do bispo de Milão tivessem sido amplamente seguidos, talvez a humanidade teria desenvolvido uma maior consciência ecológica e respeito pela criação. Sua visão holística sugere que o cuidado com todas as criaturas é essencial não apenas para a compreensão teológica, mas para a preservação do meio ambiente e o bem-estar da humanidade. Através da sua interpretação da Escritura no sexto dia, em Examerão, Santo Ambrósio nos convoca a reconhecer a interdependência entre o homem e a natureza, promovendo uma relação mais equilibrada e harmoniosa com o mundo natural, o que é particularmente relevante em face dos desafios ambientais e do desrespeito que enfrentamos hoje.

A reflexão de Santo Ambrósio de Milão sobre o sexto dia da criação é um testemunho de sua importância como um pensador teológico fundamental, cuja obra oferece valiosas revelações para a compreensão e cuidado da criação divina. Sua influência continua a reverberar na teologia e na prática cristã, sublinhando a necessidade de uma abordagem respeitosa e responsável em relação ao nosso ambiente e à nossa própria natureza. Assim, Santo Ambrósio nos revela como a Escritura pode ser uma fonte perene de sabedoria e inspiração para a humanidade, convidando-nos a uma reflexão mais profunda sobre nossa relação com o Criador e com toda a criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ADRIANO FILHO, José. *Combate ao mundo e conquista do paraíso: ficção e alegoria no Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Campinas, SP : [s.n.][PDF], 2013.

AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, 334-397. *A vida de Santo Ambrósio* [livro eletrônico]: bispo de Milão: escrita por seu secretário Paulino ao beato Agostinho

& IX outras epístolas / Ambrósio, Santo, Bispo de Milão, Paulino Milão. 1 ed. Camaragibe-PE, Editora São Savas, 2024. [s.p][PDF]

AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão, d. 397. *Examerão: os seis dias da criação*. São Paulo: Paulus, 2009.

BASÍLIO DE CESAREIA. The Hexaemeron: Homily IX. Traduzido por Blomfield Jackson. In: SCHAAF, Philip; WACE, Henry (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*. Segunda Série, vol. 8. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1895. Revisado por Kevin Knight para New Advent. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/32019.htm>>. Acesso em: 29.08.24

BENOIT, André. *A Atualidade dos Pais da Igreja*. São Paulo: Aste, 1966.

CAMPLANI, A. "Alexandria". In: DI BERNARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manilo. *Literatura Patrística*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

CASTAGNO, A. Monaci. "Orígenes". In: DI BERNARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manilo. *Literatura Patrística*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

DEL TON, Giuseppe. Il Senso Della Natura in S. Ambrogio. *Divus Thomas*, Edizioni Studio Domenicano, vol. 73, n.2, 1970, p. 215-221. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45078864?read-now=1&seq=7#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 29.08.24.

DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Editorial Herder, S.A, Barcelona, 1999.

GOMES, C. Folch. *Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*. Madri: Paulinas, 1973.

HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000.

MARA, M. G. "Ambrósio de Milão". In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *Manual da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina: II do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média [Tomo 1]*. São Paulo, SP: Loyola, 2000

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina: II do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média [Tomo 2]*. São Paulo, SP: Loyola, 2000

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*, v.1. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni. Plotino e o Neoplatonismo. Ipiranga, SP: Edições Loyola, 2008.

VIEIRA, Italo Lemos. VIEIRA, Vinicius da Silva. Patrística ambrosiana: aspectos filosóficos e contribuições para a Teologia. *REFLEXUS*, ano XIV, v. 14, n. 2, 2002/02.